



TECNOLOGIA E TRABALHO: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA NO SÉCULO XXI

TECHNOLOGY AND WORK : CHALLENGES OF VOCATIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION IN THE XXI CENTURY

- Wagner Francis Martiniano de Faria (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – wagnerfrancis@oi.com.br)

Resumo:

A tecnologia no contexto do trabalho, em especial após a segunda metade do século XX, com marco nas movimentações sociais posteriores a esse período, passa a ser um instrumento de importante estudo, relacionando-se ao contexto da Educação Profissional e Tecnológica – EPT, no entendimento de suas metas e objetivos na formação de indivíduos não somente para o exercício do trabalho, mas também para a aquisição de domínios de inserção e integração social. Esta modalidade de ensino, por apresentar-se detentora de relevante componente a serviço não somente do mercado do trabalho, apresenta-se com a finalidade de identificar nos processos internos as ações mantenedoras e norteadoras de possibilidades de crescimento do indivíduo e melhor adaptação social das multiplicidades do labor. Esta temática, no que tange à tecnologia mostra-se de propícia discussão no contexto das suas relações com o trabalho e a natureza. Atualmente, nas movimentações do sujeito no século XXI, a tecnologia e as práticas trabalhistas apresentam-se como peças fundamentais no sistema educativo, processo que desafia a EPT em suas relações com o trabalho. A EPT como mecanismo educativo nada mais é que uma ferramenta de importância na prática de relação do homem com a natureza, com a identificação de sua identidade social, promovendo o desenvolvimento do sistema capitalista. A ação metodológica deste estudo foi desenvolvida com base em pesquisa bibliográfica, na análise de livros, artigos, ensaios e demais textos que evidenciam o campo de estudo da relação entre tecnologia e trabalho na perspectiva da Educação Profissional e Tecnológica – EPT na história e em seus desdobramentos no século XXI.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica. Trabalho. Tecnologia.

Abstract:

The technology in the context of work, especially after the second half of the twentieth century, with milestone in later social movements of that period, becomes an instrument of important study, relating to the context of Vocational and Technological Education - EFA in understanding of their goals and objectives in the formation of individuals not only for the exercise of work, but also for the acquisition of domain insertion and social integration. This type of education, by





presenting a holder of a relevant component in the service not only of the labor market, is presented in order to identify the internal processes maintainers and guiding actions of the individual growth opportunities and better social adaptation of multiplicities of labor. This theme, in relation to technology is shown in a positive discussion in the context of its relations with the work and nature. Currently, the movements of the subject in the XXI century, technology and labor practices are presented as key components in the education system, a process that challenges the EFA in its relations with the job. EFA as an educational mechanism is but one important tool in man's relationship with nature in practice, with the identification of their social identity, promoting the development of the capitalist system. The methodological action of this study was developed based on literature review, analysis of books, articles, essays and other texts that show the field of study of the relationship between technology and work from the perspective of Vocational and Technological Education - EFA in history and its developments in the twenty-first century.

Keywords: Professional and Technological Education. Job. Technology.

Introdução e algumas antecipações

Não se mostra simples discutir as relações de tecnologia e trabalho na perspectiva da Educação Profissional e Tecnológica – EPT – em específico após os anos de 1980. Muitas ações de entendimento no que tange estas relações apresentam-se como desafios para identificar com clareza os objetivos da EPT na sociedade ocidental, em especial no Brasil. Ao entender a realidade deste campo de ensino como ainda arraigado em princípios que concernem bases de guerra e conflitos políticos, talvez relacionar o homem e sua interação com a natureza na construção da ideia de trabalho seja mais pertinente na primeira parte da reflexão, e neste entendimento, posteriormente, dimensionar e alargar o conceito de tecnologia como motriz para o progresso que se consolida neste campo.

Todas estas possibilidades de entendimento concentram-se como mantenedoras das afirmações capitalistas do ocidente. Em suma, no estudo que a frente se desenvolve, se pretende debater a problemática sobre os desafios diagnosticados na EPT na contemporaneidade em suas relações entre trabalho e tecnologia, tendo como já evidenciado, o disparador inicial homem e sua relação com a natureza.

1. EPT e a preparação para o trabalho: o homem e suas relações na produção de tecnologia

A importância que a EPT assume na realidade educacional, principalmente com o apogeu dos movimentos sociais, pós-década de 1980, mostra-se evidente ao passo que entre os processos que se alargam a globalização, desde a segunda metade do século XX amplia as discussões acerca do papel da tecnologia como fenômeno que induz a melhor





preparação para o mercado de trabalho, ou mais elaborado ainda, antecipa subsídios inovadores para a vivência sistematizada da relação trabalho X EPT.

Logo, ao se pensar trabalho em contraponto da EPT, a relação entre trabalho e tecnologia, se desencadeia. Prioritariamente, este elo apresenta-se devido ao aumento da concorrência profissional no mercado de trabalho, a ampla possibilidade de expansão dos negócios nas mais variadas movimentações mercadológicas após a revolução industrial e outras. A máquina passa a apresentar-se como relevante e em determinadas situações, superior ao trabalho do homem. Para Marx (1989), o trabalho é significado de um exercício de exclusividade humana, relação que se cria entre homem X natureza. Ao perceber-se envolvido nesta relação, o homem se centra como produtor de sua realidade social e cultural. É nessa interação que os homens conhecem-se uns aos outros e por força da natureza, constituem relações de produção social. Segundo o professor Pedrosa,

Desde os primeiros tempos, no Ocidente, os conceitos de Natureza e de Homem foram pensados dentro de uma perspectiva de identidade ou de dicotomia: ora o Homem é um ser subsumido na Natureza, ora a Natureza é aquilo que deve ser dominado pelo Homem. Essas perspectivas que oscilam da identidade à dicotomia contêm em si o mesmo limite: ambas não conseguem entender a relação entre a Natureza e o Homem, porque sequer compreendem a ideia de relação (PEDROSA, 2000, p. 09).

Dada a prática das relações sociais, e a alternância entre o saber da natureza e o saber do homem, em culminância com a produção do real, elaboram-se nesta ótica arranjos estruturais dos homens e sociedade que assim, são responsáveis pela produção social material, fruto do trabalho. São estas relações sociais de produção que determinam o abismo existente entre social e trabalho. Neste entendimento, apresentadas as relações sociais de produção e, por conseguinte a distinção de social e trabalho, os homens são responsáveis pelas formas de produção e distribuição dos produtos. Uma vez que os critérios em que se fundamenta não se pautam pela igualdade, assim dividem-se em classes sociais historicamente antagônicas.

Na medida em que, ao produzir, os homens atuam coletivamente, cooperam, a produção da vida, tanto a própria como a alheia através da procriação, surge-nos agora como uma relação dupla: por um lado, como uma relação natural e, por outro, como uma relação social – social no sentido de ação conjugada de vários indivíduos, não importa em que condições, de que maneira e com que objetivo (MARX, ENGELS, 1989, p. 175).

No entendimento da produção humana para Marx e Engels, faço um paralelo em relação à EPT. Em linhas gerais, esta pode ser conceituada, mesmo que de maneira polêmica como um conhecimento agregado à teoria e prática. Este conhecimento cadencia uma multiplicidade de sentidos como ação formal de ensino, se moldando de princípio como modelo de responsabilidade social de um espaço coletivo. Logo, este ensino visa ampliar valores e suscitar nos discentes nesta inseridos, por meio de seus currículos, práticas de valores éticos e morais, impostos pela sociedade de determinada época. Frigotto faz uma análise da condição social em que a EPT tem apogeu no país.





Para entender a natureza da nossa dívida com a educação básica e a educação profissional e tecnológica, nas suas dimensões quantitativa e qualitativa e na sua relação, é preciso se dispor a entender o tipo de estrutura social que foi se conformando a partir de um país colônia e escravocrata durante séculos e a hegemonia, na década de 1990, sob os auspícios da doutrina neoliberal, de um projeto de um capitalismo associado e dependente (2007, p. 1129).

Este campo do saber tem marco inicial a partir da lei 6.545/78, promulgada pelo então presidente Ernesto Geisel, que transforma três escolas técnicas localizadas nos estados de Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro em Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFET's.

Também, alinhado à evolução da EPT desde esse período, se pretende traçar um panorama frente aos discursos que se cadenciam a perspectiva da tecnologia, enquanto componente relevância para a preparação para o trabalho. Assim, na perspectiva do trabalho, podemos trazer a luz da teoria que o termo tecnologia possa ser usado para designar tudo aquilo que é criado pelo indivíduo enquanto relação natureza, ampliando-se não obstante aos métodos e técnicas, com finalidade de prolongar sua vida e logo, simplificar seu trabalho. Não seria um risco afirmar que a escrita talvez seja o maior acerto tecnológico do homem, que potencializa as práticas de trabalho até para a escrita deste texto.

Nesta perspectiva, a tecnologia enquanto condição de garantia do progresso temporal do indivíduo em formação age diretamente, e porque não dizer intrinsecamente, nas ações do currículo da EPT. Não é difícil perceber que, por além dos muros escolares, a tecnologia toma outras esferas de entendimento e significado. Sem relação acadêmica ou de técnica, o significante contido na palavra tecnologia, ao julgamento popular perpassa o entendimento daquilo que traz à tona o novo, o moderno, somente. Não se foge muito desta definição no campo da academia, contudo aprimora-se seu exercício enquanto mecanismo de aplicação da prática do conhecimento científico em diversas áreas de pesquisa.

Já na discussão do trabalho, na perspectiva da formação do homem para a relação com a natureza, e a promoção de produtos sociais, a EPT apresenta uma gama de possibilidades de interação com as políticas do espaço social trabalhista, assim, possibilitando a constante manutenção da tecnologia erguida pelos seres humanos históricos. “O trabalho permanece como referência dominante não somente economicamente, mas também psicologicamente, culturalmente e simbolicamente, fato que se comprova pelas reações daqueles que não o tem” (Robert Castel, 1998, p. 37).

Esta concepção centra-se nos princípios de Marx e Engels (1989) que em suas obras procuram resgatar o princípio do trabalho enquanto função educativa, a educação politécnica, que se resume em um treinamento, uma instrução funcional. Este processo, segundo os autores, requer articulação entre teoria e prática e, além disso, necessita de constante manutenção. Comprova-se neste íterim que a escola de EPT exercita, ainda na contemporaneidade, com a explosão tecnológica do início do século XXI as concepções do trabalho, seja em sua estrutura organizacional, em seus horários, seja em suas regras e objetivos, logo, aproximando as práticas escolares à prática trabalhista, no entendimento sutil da existência capitalista no âmbito educacional. Logo, nesta discussão é entendido que:





O trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil à própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. (Marx, 1983, p. 149).

Sob a ótica ontológica de trabalho apresentada, é possível perceber que o labor discorre de um processo que permeia todo o indivíduo e constitui a sua personalidade. Neste entendimento o mesmo não se priva ao trabalho, mas a reproduções que cadenciam todas as atividades que competem as dimensões da vida humana.

Na sua percepção mais específica, o trabalho aparece como uma atividade que conserva os elementos que integram a comprovação que somos animais evoluídos da natureza, ou seja, produzimos elementos de bem cultural que a vida biológica dos demais elementos vivos não produz como registro cultural, histórico, social estético e outros. A EPT neste arcabouço dialógico reproduz as inculcações e valores que estão no limiar destes elementos, bem como a reprodução do saber em determinados contextos, como para a preparação para o trabalho e seu diálogo com a tecnologia. Herbert Marcuse, ao pensar no homem enquanto produtor de elementos julga que “a tecnologia como modo de produção [...] é um instrumento de controle e dominação” (MARCUSE, 1999, p.73). Logo, este também faz relações do homem tecnológico com a natureza:

Insisto que não há algo como uma natureza humana imutável. Além a acima do animal, os seres humanos são maleáveis, corpo e mente, até mesmo em sua própria estrutura pulsional. Homens e mulheres podem ser computadorizados, transformando-se em robôs, sim – mas eles também podem recusar-se a isso (1999, p. 145).

Este adestramento humano, se assim posso caracterizar, incute-se e projeta-se na existência das relações escolares um caminho para a formação do indivíduo com objetivo central para o trabalho. Pensando nesta relação, a EPT contribui, em suas várias possibilidades de cursos e espaços que se mantêm, além das ações explícitas nos currículos, para uma abordagem que motiva uma relação escolar que mantém como princípio básico a formação de um indivíduo que agencia seu percurso de acordo com os campos do trabalho do universo exterior ao seu de formação. Neste pensamento a redução do trabalho apenas como atividade de sobrevivência humana é vista, então, como um processo central, comandado pelas exigências tecnológico-econômicas da evolução do capitalismo. Esta constatação talvez se apresente como um dos principais mecanismos de aproximação da EPT ao trabalho e à tecnologia.

2. Os desafios da EPT na contemporaneidade na relação Trabalho X Tecnologia

Podemos elucidar o período contemporaneidade para com a temática discutida, partindo do princípio em que o mundo passa a não ter fronteiras comerciais na segunda metade do século XX. As diferenças culturais, de idiomas, ritmos de vidas e outras





variabilidades culturais deixaram de ser uma barreira para que o comércio seja alavancado nos processos intercontinentais. A sociedade ocidental converge suas práticas de trabalho cada vez mais para a qualificação, mergulhando no campo do conhecimento e da prática, o que configura os principais objetivos da EPT. Na era conhecida pelas máquinas inteligentes, reflete-se mais ainda acerca dos profissionais que desta mostram-se superiores no quesito inteligência. Esta ação cria no homem contemporâneo a urgente necessidade de entender os problemas que brotam no chão de sua realidade. Hannah Arendt, ao discutir a crise da educação na América, no livro *Entre passado e futuro* pontua o que pode vir a ocorrer em um futuro próximo. Neste debate a autora acredita que:

Para além destas razões de ordem geral que levam o homem comum a interessar-se por problemas que se colocam em domínios acerca dos quais, de uma perspectiva especializada, ele nada sabe (e este é sem dúvida o meu caso quando falo da crise na educação, uma vez que não sou educadora profissional), há ainda uma outra razão, porventura mais convincente, que leva o homem comum a preocupar-se com uma situação crítica em que não se encontra imediatamente envolvido (2001, p. 499).

No entendimento de Arendt, a educação cadencia no mundo moderno um problema que se encontra no fato de não abrir-se mão do uso da autoridade nem da tradição, assim, caminhando em um mundo que não se mostra estruturado pela autoridade, e muito menos, garantido pela tradição. Desde os tempos mais primórdios, o homem destaca-se dos demais animais por sua característica natural de produzir, de maneiras diversas suas práticas de registro em dicotomia com a natureza. Assim, o homem, como já postulado no capítulo anterior inscreve-se no tempo como produtor de ideologias que marcam características de progresso no contexto de sua própria existência. Logo, este progresso sugere no campo da tecnocracia que o indivíduo substitua o contexto de homem X natureza para homem X homem, o que configura um grande desafio da EPT. Marcuse, ao discutir as políticas de enfrentamento da tecnologia no espaço social pontua que:

No decorrer do processo tecnológico, uma nova racionalidade e novos padrões de individualidade se disseminaram na sociedade, diferentes e até mesmo opostos àqueles que se iniciaram a marcha da tecnologia. Essas mudanças não são efeitos (direto ou derivado) da maquinaria sobre seus usuários ou da produção em massa sobre seus consumidores; são, antes elas próprias, fatores determinantes no desenvolvimento da maquinaria e da produção em massa (MARCUSE, 1998, p.74).

As reflexões de Herbert Marcuse sobre as transformações nas formas de vida sob o impacto da revolução científico-tecnológica dialogam com a perspectiva de modernismo e modernização discutidas por Berman, que contesta a dualidade destes dois termos – pois segundo o autor a modernidade ocorreria ao mesmo tempo tanto no âmbito da economia e da política quanto no da arte, cultura e sensibilidade –, assim, as práticas do trabalho inserem-se no bojo destas características de progresso tecnológico apresentadas por Berman.





O desenvolvimento dos temas pelos quais o modernismo viria a se definir: a glória da energia e do dinamismo modernos, a inclemência da desintegração e o niilismo modernos, a estranha intimidade entre eles; a sensação de estar aprisionado numa vertigem em que todos os fatos e valores sofrem sucessivamente um processo de emaranhamento, explosão, decomposição, recombinação; uma fundamental incerteza sobre o que é básico, o que é válido, até mesmo o que é real; a combustão das esperanças mais radicais, em meio à sua radical negação (BERMAN, 1986, p. 117).

Berman aponta no Manifesto *Tudo que é sólido se desmancha no ar* (1986) a clara luta de classes, que evidencia a emergência de um mercado mundial que cresce e se solidifica, ao mesmo tempo em que absorve e destrói os mercados locais e regionais com os quais entra em contato a tecnologia a serviço do trabalho. Este é o marco de maior desafio para a EPT na contemporaneidade. Rasgar este rótulo não se mostra simples. O capital, neste debate tende a concentrar-se em poucas mãos, negligenciando esferas menores de potencial capitalista, os inserindo na moenda de produção, em determinados momentos por meio da EPT.

Podemos assim entender que o capitalismo envolve uma concorrência ininterrupta e selvagem, a racionalização do trabalho cada vez mais automatizado, em busca do avanço tecnológico que permita a produção de mais bens em menos tempo. Ele revoluciona constantemente os meios de produção, constrói a solidez do poderio dos capitalistas que não conseguem acompanhar no campo do progresso. Aí se encontra outro grande desafio da EPT, que é gerenciar no âmbito educacional o ritmo frenético da competição.

Nesta concepção, desmistificando seu fulgor apenas globalizado, os Centros Federais de Educação Tecnológica, vêm há décadas, mais precisamente após a década de 1980 buscando caracterizar-se comprometida com os interesses não somente do mercado globalizado, mas principalmente da sociedade e dos anseios que urgem na relação homem X natureza. Em 1993, é criado o Sistema Nacional de Educação Tecnológica que:

Visa integrar o país no processo de desenvolvimento mundial e no uso das denominadas novas tecnologias; isso requer a renovação da escola, para que assuma o papel de transformadora da realidade econômica e social do país (Secretaria Nacional Ensino Técnico, 1993).

Esta se apresenta como uma iniciativa que alavanca o discurso de uma EPT que se distancie apenas para a formação para o trabalho.

As regulações, no sentido de limitações e desafios, que nesse ínterim se apresentam, contrastam com as condições de progresso que o termo tecnologia aplica na contemporaneidade. Neste espaço, a EPT encontra empecilhos para superar as perspectivas que colocam em cheque o real objetivo da formação que esta educação propõe. Ao relacionar os primórdios da EPT, pode-se comprovar que o diálogo direto de formação rápida de mão de obra de baixa remuneração e descompromisso com a aprendizagem eficaz ainda se apresentam na fonte da formação escolar que a EPT consiste. Só se percebe sua superação, quando se elenca, no bojo das dialéticas da atualidade, um novo perfil de currículo, que pensa além das resistências e das ações políticas que se apresentam dominantes.





O divórcio da EPT com o eixo político, no campo das afirmações de trabalho, mostra-se também como uma nova possibilidade de promover a prática educativa que não esteja diretamente preocupada com a ação trabalhista, mas com a formação descompromissada com o que os mercados externos, necessariamente, exigem. Mesmo na afirmativa que pouco se mudou nos métodos e nos currículos da EPT, a prática desta, mesmo que ainda arraigada na ideia de produção fabril, não está mais aliada a uma visão reducionista, o que se comprova com a grande oferta de cursos nas mais variadas áreas e que nem sempre, dialogam com as perspectivas contemporâneas do mercado.

A ruptura que por gerações se faz presente no exercício educativo da EPT alarga os campos de visão. Esta ação significa que não acreditamos na eficácia dos métodos de formação que a EPT ainda produz? Penso que não. Os arranjos produtivos locais para a formação além de desafiadores, mostram-se como enriquecedores por inserirem ainda na contemporaneidade à aprendizagem uma garantia dos valores da realidade local, que possibilita além da formação técnica a formação humana, descompromissadas com a necessidade de garantir uma resposta às instituições de ensino, mas a garantia da formação que compreenda as subjetividades e que se proceda às necessidades pessoais dos discentes por ora envolvidos.

No entendimento da tecnologia enquanto ação de progresso e relacionando a sua problemática na EPT, pode-se dizer que o alargamento das profissões com o mercado contemporâneo e o descuido de possibilidades de entendimento desta ampla mudança do perfil do trabalhador no ocidente, compromete a reflexão acerca não somente das práticas que se movimentam no campo da EPT, mas os objetivos que esta apresenta. Buscar respostas e soluções pontuais para diversas situações que esta educação encontra não facilmente se caracteriza, mas garante a ampliação de possibilidades de ações nos campos a que pode se atingir, como o investimento advindo de políticas públicas.

Assim, a EPT, em toda a sua esfera, tem que considerar esse novo paradigma emergente e passar a encarar os desafios que surgem no campo do trabalho, com a introdução em seu meio da tecnologia que antes lhe parecia inimiga, ou mesmo era despercebida. Esta formação além de buscar dar ênfase a esta realidade, remonta seus primórdios.

Considerações finais

Na perspectiva da EPT, responder às necessidades da vida cultural, social, estética, simbólica, lúdica e afetiva no que tange ao progresso do indivíduo se mostra impossível sem aproximar-se à relação trabalho X tecnologia. Trata-se de necessidades, ambas, que por serem históricas e indissociáveis, assumem especificidades no tempo e no espaço, mas não deixam de dialogar.

Tanto sob um aspecto quanto outro, neste sentido, constata-se que o trabalho, sob o entendimento de labor humano só pode deixar de existir se os indivíduos deixarem a existência. Assim, não se pode, então, confundir o trabalho na sua essência e generalidade com a produção da tecnologia no berço de seu exercício, com certas formas históricas que esta assume, – entre elas a servil, a escrava e a assalariada, sendo que nesta última o marco





dos processos capitalistas – à produção de capacidades que na força política dos tempos, molda a EPT como apresentei neste texto.

A luta da desmistificação da EPT, desde sua ação formal, ao campo apenas de assento educativo, seu maior desafio, dá-se no sentido de ampliar seus objetivos para o além do trabalho, mas para a prática social necessária à produção dos bens e serviços imprescindíveis à reprodução das ideologias humanas, às suas necessidades básicas historicamente determinadas e genuinamente humanas. Não se trata, porém, de entender a ação da EPT como produtora de trabalhadores para o progresso tecnológico, mas na implicação, na sua forma mais completa, da ação de identidade social do indivíduo em formação frente às relações sociais capitalistas e tecnológicas.

Neste contexto o grande desafio da EPT na relação trabalho X tecnologia, não é mais o de transmitir conhecimentos, mas de colaborar, de liderar, de articular e mediar os saberes e as técnicas, conduzidas à individualidade e subjetividade humana. Atualmente, a tecnologia e a inovação são peças fundamentais na mudança e na melhoria do sistema educativo, marco desafiador no bojo da EPT e nas relações de trabalho.

Na observância do estudo desenvolvido, embasado na pesquisa bibliográfica, bem como no entendimento e na minuciosa pesquisa dos conceitos por ora tratados, pode-se concluir que a EPT integra importante papel no bom funcionamento da sociedade, auxiliando-a de modo exitoso nos processos de formação educativa e humana, sendo, como aparelho ideológico do estado (ALTHUSSER, 1987) ferramenta de extrema importância no lido do homem com a natureza, com a gestão de identidade social e com a sobrevivência no sistema capitalista.

Ao longo deste artigo, procurou-se apresentar, na perspectiva da tecnologia enquanto termo de desenvolvimento contínuo no cerne do trabalho, a EPT e sua relevante contribuição na realidade social no século XXI, no enfrentamento da globalização e na relação com a natureza. A EPT neste diálogo não pode ser julgada como apenas um acessório ou período chave da educação, mas como parte integrante de uma construção que perfaz os caminhos políticos, ideológicos e sociais dos espaços, bem como o trabalho como um campo para a atuação após seu eficaz desenvolvimento.

Conclui-se, por meio deste documento de estudo a importância da EPT no que tange propiciar para a sociedade, mesmo frente os desafios que se elencam, por meio da história e contexto que fora criada, advindo da necessidade de formação de mão de obra para o trabalho, o assegurar com êxito das rotinas da formação que, se executadas com a devida responsabilidade, promovem ascensão do indivíduo no campo a que se destina formar.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- ARENDRT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- ABNT. **Associação Brasileira de Normas Técnicas, ABNT NBR ISO 9000:2005**.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.





- CASTEL, Robert. **As transformações da questão social**. In: BÓGUS, L; YAZBEK, M.C. e BELFIORE-WANDERLEY, M. (orgs.). Desigualdade e a questão social. São Paulo: EDUC, 1997.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1129-1152, out. 2007.
- MARCUSE, Herbert. **Algumas implicações sociais da tecnologia moderna**. In: Tecnologia, Guerra e fascismo. Editado por Kellner. Tradução de Maria Borba. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- MARCUSE, Herbert. **Ecologia e crítica da sociedade moderna**. In: LOUREIRO, I. (Org.). Herbert Marcuse: a grande recusa hoje. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MARX, K. **O Capital**. Vol.1. São Paulo: Nova Cultural. 1988.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre educação e ensino**. São Paulo: Moraes, 1989.
- PEDROSA, José Geraldo. **(Des)educação ambiental, linguagem e ideologia**. In: 28ª Reunião anual da ANPED, 2005, Caxambu/MG. 28ª ANPED. Caxambu/MG: PUC/RIO, 2000.

